

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 23 DE MARÇO DE 1856.

N. 16.

## PARTE LITTERARIA.

### HISTORIA DA LINGUAGEM ESCRIPTA (\*).

IX.

Visto que tratamos da Historia da linguagem ecripta, me parece não fóra de nosso proposito referir os materiaes de que em todos os tempos se tem usado na ecriptura.

Os Vedas e outros livros antigos da India foram ecriptos sobre folhas de palmeiras.

Os antigos egipcios rodeavam os tumulos de numerosas pedras (Stelas), contendo a historia das façanhas do defunto, ou (o que succedia mais ordinariamente) numerosas inscripções meramente votivas. Mais tarde, pelo tempo da invenção da ecriptura demotica, se adoptou o uso do papyrus, sobre o qual se traçavam os caracteres com um instrumento analogo ao estylo, e que no Egypto se chamava—Kalam.—

O Decalogo foi ecripto por Moysés sobre duas pedras no monte Sinai, mas os livros Santos foram ecriptos sobre finissimas pelles de carneiro, o pergaminho, e os caracteres traçados com um instrumento chamado *hot*, analogo ao egpcio *kalam*, o estylo dos gregos.

Os chinezes escrevem sobre um papel de seda mui transparente, que os priva de continuar a ecripta no verso da folha. Os gregos e romanos que a principio escreviam sobre finas laminas de madeira embebida em cera, passaram a escrever sobre o pergaminho como estylo. A ecriptura mexicana era bordada sobre finas têlas de linho. Os selvagens do Ucayaly, segundo dizem, escrevem sobre folhas de bananeira. Eu explorei o Ucayaly, e ahi, como em todas as partes por onde passei em minha viagem pelo interior do Perú, não me poupei ao trabalho de recolher todas as curiosidades relativas aos costumes dos habitantes; e não só não encontrei ecriptura alguma dos selvagens d'aquelle rio, como mesmo não achei quem me desse noticia d'isso; refiro porém esse facto apoiado no testemunho do Sr. M. E. de Rivero, que o consigna em sua obra sobre as Antiguidades Peruanas.

Alguns pedaços de ecriptura hyeroglyphica dos Peruanos tem sido encontrados sómente nos restos dos antigos monumentos. Usava-se porém no Imperio dos Incas de uma espécie de franja

de grosseiros cordões, em cada um dos quaes se davam certos nós collocados em distancias determinadas, com o que cada cordão exprimia uma certa idéa. E' o que n'aquelle paiz se cha ma *quippos*.

A invenção do papel data do seculo XIV. A imprensa foi uma das primeiras artes inventadas na China; mas na Europa ella só foi descoberta em 1436, por João Guttemberg, natural de Moguncia. Guttemberg estabeleceu a primeira typographia em Strasburgo, e usou n'ella de caracteres moveis de madeira. O primeiro livro que imprimiu foi a *Biblia latina* de quarenta e oito linhas. Esta arte se espalhou rapidamente pela Europa, e hoje é para os povos um poderoso elemento de instruccion, como esteio de suas liberdades, e o melhor barometro de sua civilisação.

X.

Não passaremos agora em revista os usos seguidos por certos povos na exposição do pensamento. Esta parte de nosso ecripto toca de perto a Rhetorica; nós tiraremos d'ahi aquillo que está intimamente ligado á linguagem ecripta.

Diz-se, primeiro que tudo, que os homens escreveram a principio em verso, antes de escreverem em prosa. Acreditando-se o verso hexametro mais antigo, segue-se que os primeiros ecriptores escreveram em verso hexametro. Tudo isto tem sido imaginado, só porque Homero e Hesiode, os mais antigos ecriptores da Europa, escreveram em verso, e em verso hexametro. Digam-me porém: a Biblia, o Zend-Avesta, os Vedas, e os Chou-Kings não são de data muito mais antiga que os cantos de Homero e de Hesiode? Entretanto só uma ou outra porção destes livros é ecripta em verso, e nunca em verso hexametro, verso desconhecido dos hebreos, dos magos, dos brahmines, de Confucio, de Mencio, e de seus discípulos.

D'entre os diferentes livros que formam a colleção Chou-King, livros que foram refundidos por Confucio no seculo VI antes de Jesus Christo, apenas o Chi-King é ecripto em verso. Chi-King significa mesmo *livro dos versos*. Tenho em meu poder o Sse-Chou (os quatro livros), e não vejo n'esta obra nem mesmo o indicio de uma linguagem rythmica, sujeita a compasso ou psalmodia. Ella contem parrafos de uma, e de duas linhas, e parrafos de duas paginas. Como cada parrafo encerra uma maxima, um facto ou uma anecdota

(\*) Vide pag. 148.

completa, não pode ser confundido com o verso. O verso é assim chamado porque, concluido o numero de pés, ainda que não esteja concluida a phrase, e reste papel, recomeça-se nova linha, o que não succede na prosa.

Pode-se allegar que os Chou-Kings não servem de exemplo por terem sido refundidos por Confucio, que empregou necessariamente a linguagem prosaica de seu tempo.

Bem; por esta mesma razão não fallaremos no Zend-Avesta, cuja composição se faz fluctuar entre 600 e 1300 annos antes de Jesus-Christo; mas ahi temos os Vedas, e a Biblia.

Nos Védas só o Rig-Véda, e o Sama-Véda são escriptos em verso; mas o Yadjour, e o Atharvam são escriptos em prosa. Entretanto o Yadjour é um livro inspirado por Brahma, do mesmo modo que o Rig, e o Sama-Veda.

Consideremos a Biblia; consideremos na Biblia os livros de Moysés, escriptos no mesmo tempo dos Védas. Considerando a palavra verso no rigor de sua significação, isto é, uma serie de palavras dispostas em um certo numero de pés e ordem de syllabas, não ha verso nos livros de Moysés. Herder, hebraista cujo nome não precisa recommendação, fallando da metrificação hebraica, diz: elles não batiam o compasso, não mediam exactamente as syllabas, nem sempre mesmo as contavam, &c. (Historia da poesia dos hebreos, dialogo primeiro).

Assim pois não só Moysés, mas os escriptores hebreos em geral desconheciam o verso como nós o entendemos, e por conseguinte inda mais desconheciam o verso hexametro.

Havia na verdade uma certa toada; mas essa toada é para a lingua hebraica, o que é o numero ou a harmonia para nossa prosa. Essa toada, essa especie de symetria nas palavras se conserva no latim dos Evangelhos e do Apocalypso; e quem poderá sujeitar a linguagem d'estes livros a uma medida, por favoravel que seja!

Se pois nos Vedas e nos Chou-Kings se encontram simultaneamente o verso e a prosa—se o metro era desconhecido dos escriptores hebreos, como o verso precedeo a prosa?

Diga-se antes, que o estylo poetico, o discurso cheio de imagens, foi o primeiro usado entre os homens; isto é natural; mas não se deve confundir o estylo poetico, rico de imagens, com a linguagem metrificada. Uma cousa pode existir independente da outra.

O Al-Koran é escripto em um estylo plenamente poetico; o juizo final é uma obra prima da poesia oriental; e o Al-Koran não é escripto em verso. Entre os povos do oriente a linguagem metrica era destinada ao canto, ao acompanhamento da musica, e tal é o uso que tem as orações em verso do Rig-Veda, e do Sama-Veda, e as odes chinezas do Chi-King.

O metro pois foi inventado para accommodate a linguagem ao compasso da musica, n'aquellas composições só e sómente destinadas ao canto, e nunca para sujeitar a elle a primitiva linguagem escripta. Foi com o correr do tempo que a linguagem metrica se separou do canto. Foi depois disto, que nasceram os grandes poemas da antiquidade: o Bagavadam, a Illiada, a Odysséa, os Trabalhos e os Dias, a Theogonia, o Escudo de Hercules, &c. A linguagem metrica tinha estado tão ligada á musica, que os poetas antigos ao abrirem seus poemas, se propunham a cantar o assumpto que iam tratar.

A larysséa ira canta, ó Musa,  
Que males mil causara á grega gente, etc.

Arma, virumque cano, Trojæ qui primus aboris, etc.

Assim pois a primitiva linguagem foi poetica, porque foi rica de imagens. Ella foi metrificada, só e sómente nos casos em que devia ficar unida á musica; em que devia ser cantada, o que não podia excluir, como realmente não excluiu, o uso simultaneo da prosa na escriptura.

## XI.

Continuemos. Escrevendo em prosa ou em verso, cada povo seguiu seu systema na enunciação das idéas. Os homens dotados de menos vivacidade, enunciavam as partes de um juizo em uma ordem logica; primeiro o sujeito, depois a cópula, e finalmente o attributo. Os povos porém dotados de uma imaginação viva preferiam na enunciação das diferentes partes de uma proposição, apresentar em primeiro lugar a idéa que pode produzir mais forte impressão, e que mais os impressionava. Quando por exemplo, o cidadão romano queria fazer saber sua nacionalidade: Romanus sum, inquit, civis.

A palavra *civis* collocada no principio da oração, não deixaria a mesma oração produzir tão grande efeito, quanto produz o adjectivo *Romanus*, que atrahe logo a atenção do ouvinte.

Este modo de enunciar as idéas, reproduzido na linguagem escripta, como na linguagem vocal, occasiona uma certa obscuridade pela collocação anti-logica das mesmas idéas, e exige do leitor ou do ouvinte uma atenção mais forte, uma mais aguda penetração. Entre os romanos era um luxo exagerar essa desordem na linguagem escripta. Tito-Livio levou a tal ponto a moda, que produziu o vicio conhecido entre os latimistas pelo nome de patavinitade.

Contudo, a collocação das palavras não estava sujeita ao mero capricho do escriptor; havia regras, que determinavam o lugar, em que de preferencia se devia escrever o verbo, o superlativo, o ablativo absoluto, a o: ação incidente, etc. Sobre esta materia escreveu um excellente opusculo o P. Antonio Pina de Andrade, que seria

muito conveniente fazer conhecido dos jovens, que entre nós se dão ao estudo da latinidade.

Essa desordem das diferentes partes de uma preposição produz entre os povos que a adoptam uma forte tendencia para as questões especulativas, para as theorias abstractas, para o espiritualismo; ao contrario a enunciação da preposição em uma ordem logica, produzindo toda a clareza, desvia os grandes esforços do espirito, deshabitua a attenção e a penetração, e dá em resultado homens inclinados ao materialismo, mais dados ás artes, á mecanica, á industria. A Allemanha é o typo actual da obscuridade; por isso os habitantes d'este paiz são os melhores pensadores do mundo. Ahi tem nascido os maiores sabios da terra; os philosophos mais abstractos e incomprehensiveis. E' este tambem o paiz onde a instrucção se acha mais vulgarizada e adiantada. Para os grandes escriptores da Allemanha a clareza é um vicio—é a melhor qualidate para fazer um escriptor decahir da estima publica.

A obscuridade de estylo dos grandes escriptores da Allemanha é proverbial. A sabia Snra. baroneza de Carlowitz confessava que gastou muitas horas em traduzir certos versos de Klopstoek. Edgar-Quinet foi o que melhor comprehendeu Herder, e eu confesso que não comprehendo certos capitulos das *Idéas sobre a philosophia da Historia da Humanidade*.

Hainann, o autor das *Folhas sibyllicas do Mago do Norte*, é incomprehensivel para os proprios sabios da Allemanha. Por varias vezes tenho começado a ler a *Metaphysica transcendental* de Kant, e fico tão irritado com este philosopho casquinho, que chamo sua philosophia uma collecção cahotica de palavras ôcas.

Quem será capaz de traduzir a *Helena* de Gœthe, sem consultar a excellente traducción da Snra. de Carlowitz? Se esta incansavel Snra. não traduzir um dia as obras de João Paulo Richter, teremos talvez de morrer sem apreciar os famosos escriptos deste celebre autor. A *Historia da Poesia dos hebreos* seria um livro inutil para o mundo litterario, se a mesma Snra. não nos tivesse dado d'elle a mais bella das traduccões.

Quando se chega a apanhar, a *digerir* o sentido de um escripto de qualquer d'esses homens, se reconhece então a superioridade da intelligencia dos allemaes. Com razão elles olham com certo desdén para os habitantes dos outros países da Europa.

A' frente da grande phalange de sabios de primeira ordem, que tem produzido a Allemanha, Alexandre de Humboldt apparece reunindo em si todos os generos de conhecimentos humanos. O autor do *Cosmos* personifica a sciencia do seculo das luzes.

Não conheço em nenhuma das outras linguas

da Europa poesias comparaveis ás de Gœthe, Klopstoek, Schiller, Burger, Uhland, e muitos outros.

Consideremos a clareza. Dispensando, como dissemos, os grandes esforços do espirito, ella favorece o desenvolvimento da imaginação, e conduz o povo, que d'ella usa, ao aperfeiçoamento nas bellas artes, de tudo o que pôde excitar as idéas voluptuosas. Tive sonhos eroticos, quando pela primeira vez li em Milton o encontro que teve com Eva o padre Adam no berço de Eden.

Chenier, V. Hugo, La Martine, Bocage, Diniz, Zonirra, e, entre os Romancistas, E. Sue, F. Souliée, G. Sand, Paulo de Cock, e entre nós o gracioso autor da *Moreninha* tem produzido os escriptos mais voluptuosos, como os quaes nada tem publicado a Allemanha, que se lhes possa comparar. Caldas é o unico poeta da lingua portugueza que buscou a obscuridade; Caldas é incontestavelmente um dos melhores poetas lyricos do mundo, e sua poesia pôde bem receber o titulo de transcendental.

Parece em summa, que a clareza tende a materialisar a intelligencia, chamando-a mais para o mundo physico. Talvez nunca possa a Allemanha possuir um compositor do quilate de Rossini, de Verdi, de Paccine, de Mercadante, etc.

Os mais famosos pintores, os architectos mais illustres, os esculptores de primeira plana, tem nascido no meio de povos apaixonados da clareza. A França e a Inglaterra, antagonistas da obscuridade allema, são os povos manufactureiros por excellencia; aquelles em que a mecanica tem attingido o mais alto grão de perfeição.

Pelo Snr. F. PEREIRA DUTRA.

## RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

(EXTRACTOS DE UM LIVRO INEDITO.)

### II.

Os estreitos limites da *Semanâ* não permitem que eu dê em toda a sua integra as *Impressões, recordações, apontamentos e indagações litterarias, historicas e scientificas*, de sete annos de minhas viagens e residencia em diferentes pontos da historica e pittoresca província de S. Paulo, á qual hoje me ligam os deveres de segunda patria pelos queridos laços de uma esposa e de um filho.

Para o meu coração é quasi um dever a publicação d'esta viagem, porque, nas diferentes situações de relações e de factos, careço explicar algumas circunstancias, agradecer muitos favores, e qualificar alguns procedimentos pessoaes, de que ainda hoje me resinto, e que tenho necessidade de liquidar, apurar e decidir.

Espero ainda fazel-o ou n'um jornal de maiores

dimensões, ou em livros de facil aquisição e circulação ; mas no entretanto irei oferecendo aos leitores da *Semana* alguns excertos, que servirão como de annuncio precursor á ulterior publicação do meu livro de viagens.

No numero anterior dei algumas explicações sobre o motivo forçado d'esta viagem. Prescindo de relatar o meu perigoso estado de vida na occasião de embarcar, d'uma longa exposição historica da antiga povoação de Santos, e resumir em poucas palavras o panorama da cidade.

« O que pretender desfructar o aspecto da cidade de Santos é mister passar o surgidouro e ir collocar-se no morro fronteiro, onde existe uma vistosa e quasi abandonada casa. D'ahi desfructa-se um lindo panorama, cujo gozo não deve perder o viajante que passar por aqui.

« Em uma tarde serena e placida, em que eu me achava com algumas melhoras, fiz esta deliciosa excursão. Sentado em um terraço, cujos alegretes estavão plantados de alecrim, e va santa, e outras plantas odoriferas, eu espraiei os olhos por toda aquella extenção, e vi a cidade como agachada entre o surgidouro e o alto serro de Monserrate.

« O convento dos Bentos, pela localidade de sua edificação, dava uma idéa da austeridade d'essa ordem monacal, em outro tempo tão poderosa e tão influente, e hoje reflexo palido da civilisação theocratica.

« A igreja e hospital da Misericordia mostrava-se alegre e risonha, como fazendo transpirar pelas frestas, não as dôres que ahi se curtiam, mas as consolações e a saude que se iam lá buscar.

« O convento dos Franciscanos pousava, à margem do lagamar, tristonho e envergonhado como um dissoluto timorato.

« A matriz e a alfandega figuravam uma mole imensa de pedra; e a cadêa e casa de vereanças jaziam como encolhidas, e anunciando mais a modestia de uma antiga villa do que a nobreza de uma joven cidade.

« O hospicio do Carmo tambem se divisava com a sua frente garrida e embonecrada, mas com os seus fundos em estado de verdadeiros pardieiros.

« O arsenal da marinha parecia um arsenal de estado, um velho poltrão que não trabalha, uma pequena courela de capim, ou melhor, uma caricatura dos verdadeiros arsenaes.

« A casa do trem apparecia no meio d'aquella nova casaria como um monumento, como um codice authentico, que certifica a longa antiguidade de uma das primeiras povoações brasileiras, edificadas pela intrepidez e pela magnanima ousadia d'esses antigos portuguezes, que não deixaram posteridade para o seculo XIX., nem a sua raça degenerada d'esta época já sabe ava-

liar estas cousas. Nação perdularia, e entregue aos nobres e aos frades, gastou em conventos e proeissões as riquezas de suas conquistas, e por ultimo chegou ao miserando estado de ser virulentamente ludibriada, escarneida e vexada com a intervenção ardama d'esses Bretões altivos que se apoderaram de suas riquezas :—pacienza !... Leão da fabula tem de sofrer os couces do burro insolente. »

« Os principaes meios de viajar n'esta provin-  
cia são cavallos, liteiras, banguéis, rede e grade, já em bastante desuso. Os cavallos e bestas muares são animaes seguros e fortes, muito andadores, posto que na apparencia o não mostrem. As liteiras e banguéis são especialmente consagradas a senhoras e doentes ; e não sei eu porqu' esta preferencia, pois que ás taes viaturas cabellhe-hia melhor a denominação de *machinas de moer ossos*, do que a de conduções seguras e commodas. São uma especie de esquife de taboas, coberto de couro pregado a dous tirantes de madeira, no extremo dos quaes, se encacha um animal ; e já a irregularidade do andar d'estes, já a sensivel falta de molas, tudo concorre para os horriveis balanços e encontrões que sente o desventurado que se confiou áquele balanço detestavel.

« A grade é uma especie de padiola com toldo, conduzida aos hombros de quatro homens. Serve agora unicamente para transportar pessoas enfermas, que não possam viajar por algum outro meio. D'esta viatura serviam-se os jesuitas para a passagem da serra do Cubatão, empregando n'isso os cathecumenos indigenas como em expiação do grande peccado de haverem perten-  
cido à grei dos desbaptizados.

« O meu estado de saude não permittia que eu montasse á cavallo ; e como me houvessem recomendado, como mais apropriado para um doente este meio de transporte, aluguei uma liteira ; mas !... Nunca eu em tal cahira !

« Enquanto fui pela estrada do Cubatão, e ainda galvanisado, por assim dizer, pelo esforço que eu fizera, para comprehendér a viagem, não senti demasiado o balançar infernal d'aquella machina desconjunctadora, mas no subir da serra experimentei eu em toda a sua extenção o incommodo de tal viatura. Ao cabo de algumas leguas, e depois de tão detestaveis balanços, o meu corpo rheumatico e enfraquecido pela doença sentia-o eu como uma cousa informe e desconjunctada.

« Mas, deixando a litira e os meus padecimentos, dêmos conta das impressões que, por entre dôres eu experimentei na subida da serra.

« A communicação de Santos com o resto da provinça era em outro tempo bastante difícil e trabalhosa. O seguinte trecho de um manus-

cripto que passamos a copiar, dá uma perfeita idéa d'essa dificuldade.

— Para montar a grande serra de Paranapiacaba, ou do Cubatão, navega-se pelo rio acima, e a pouca distancia da villa entra-se no espaçoso golfo de Caneú, cuja passagem, sendo livre nos primeiros annos, teve depois um imposto, estabelecido pelo capitão general Martim Lopes Lobo de Saldanha administrado por contracto real. Este golfo recolhe pela direita as aguas dos rios Juribatiba, Quilombo e Cubatão-merim, que todos descem da serra. A parte superior do mesmo golfo, á rumo de noroeste, é fechada por muitas e diversas ilhas cobertas de mangues e n'ella desagua o rio Cubatão-Guassú, que vem de serra acima: pela esquerda, tem entrada no mesmo golfo o rio Santa Anna. Este grande peso d'aguas descarrega no mar por tres bocas: que vemi á ser o canal da Bertioga, o de S. Vicente, e a barra do meio. Passado o golfo, navega-se por um dos muitos canaes, que formam as ilhas, e entra-se no Cubatão-Guassú, que é estreito, e suas margens cobertas de mangues e no fim de quasi quatro leguas de viagem, a contar da villa, chega-se ao porto e registro do Cubatão, antigamente Cubatra. —

« Hoje faz-se toda a viagem por terra, porque acha-se realizada a desejada estrada mandada fazer em 1826 pelo primeiro presidente que teve a província, o Sr. visconde de Congonhas.

« Antes de começar a subir a serra, passa-se uma extensa ponte lançada sobre o rio, na qual se paga duzentos réis por cada animal carregado.

« A antiga estrada da serra era, como já disse, de difícil e até perigoso tranzito, a moderna chamada *Maioridade* está consideravelmente melhorada, lançada em porções bem talhadas e de zigue-zague, o que faz a subida mais comoda, como infallivelmente não deveria ser a antiga. A estrada não se acha ainda calçada, o que deve inspirar algum receio no tempo das chuvas, onde o barro, que em algumas partes é uma especie de greda, se torna escorregadio: a antiga era calçada, posto que ultimamente estivesse bastante deteriorada.

« Continuei a viagem pela espaçosa estrada em rumo a noroeste, a qual se dirige por um plano suavemente inclinado e interrompido apenas por algumas pequenas subidas. A' direita e á esquerda descontinam-se vistosas paizagens, e alguns casas bem situados, bem como algumas lagôas.

Depois de um viajar de nove horas e meia chegei ao poiso, que se me havia recommendado; cahi pernoitei, acerbamente incomodado; porque a fadiga e o pessimo meio de transporte me tinham aggravado a doença.

Nos poisos, que são as albergarias ou estações da Eurepa, é proverbial a falta de comodos, ainda os mais triviaes para o viajante:

elle tem de resignar-se com muitas privações, e lamentar em vão a falta de recursos. O poiso onde me alberguei era reputado pelo melhor da estrada; e comtudo Deos sabe como eu ahi passei uma noite curtida de dôres.

« Em consequencia da prostração das forças, a que me achava reduzido, tinha eu resolvido a principio demorar-me ali, até recuperar algumas forças para proseguir as ultimas quatro leguas que ainda tinha de andar para chegar a S. Paulo. Mas a privação de algumas cousas da primeira necessidade para um doente; e o intenso frio que parecia delir-me os ossos, tudo me acouselhou que mudasse de resolução,

« E com effeito, no dia seguinte já com o sol sóra, e com um céo placido, que promettia um formoso dia, continuei eu a viagem ainda de liteira, porque a dessecção extrema do meu corpo não consentia outro meio de transportar-me.

R. DE ALMEIDA.

#### MUSICA RELIGIOSA.

A necessidade da oração, a necessidade de recorrer a um Ente superior, origem eterna de toda a justiça e de toda a bondade, é uma das manifestações as mais elevadas do sentimento. Quer a isso se seja levado pelos delíquios ou aspirações da alma, pelas incertezas ou pela lógica do espirito, sempre é por ella que se sente a necessidade de collocar acima da vida um ideal supremo que satisfaça a razão e abafe os suspiros do nosso coração. O sentimento religioso é independente de todo o dogma positivo; elle pôde revelar-se debaixo de mil fórmas diversas, no hymno do sacerdote, como nas castas adorações do amante, no extase do poeta tão bem como na contemplação reflectida do philosopho. A oração da boa mulher, da qual nos falla Fénelon, tem a mesma origem que a exclamação que soltou Newton, descobrindo nas leis da natureza as provas irrecusaveis de um supremo ordenador. Não se encontra em doutrina alguma, a não ser no christianismo, este conjunto de verdades profundas, e de symbolos adoraveis, de soluções metaphysicas e ineffaveis mysterios, que satisfazem ao mesmo tempo a intelligencia e o sentimento, o pensador e o artista. As pompas, as ceremonias, os ritos e as orações da igreja catholica formam um drama admiravel, no qual são representadas todas as phases do destino humano, desde o nascimento até á morte, o qual não é senão uma transformação da vida. A musica deve ser a linguagem preferida de uma religião de amor e do mysterio: também a igreja fez d'ella uma das magnificencias de seu culto e a expressão a mais surprehendente de suas divinas promessas.

A musica religiosa é a parte da arte que mais se resente da desordem e inquietações que caracterisam a sociedade moderna. A fallar a verdade, não existe mais musica religiosa, nem forma consagrada á expressão da oração, nem manifestação calma e serena das esperanças da alma de um melhor futuro. A vida é para nós um campo cercado, no qual cada um se precipita com furor para alcançar uma victoria de um dia. O paraíso com suas felicidades eternas não se abre mais acima de nossas cabeças para receber as queixas dos desgraçados. *Vencer ou morrer sobre esta terra*: tal é o fim que parece proposto á actividade das sociedades modernas. Tambem as artes não pintam senão o tumulto e as sensualidades da vida material, as gargalhadas dos vencedores ou as blasphemias dos vencidos, mas não existe mais linguagem para os corações resignados aos designios da Providencia. As artes não tem mais horizonte, falta-lhes o infinito, o seu *reino é o d'este mundo*, e eis-a qui porque não pôde mais n'ellas haver musica religiosa. N'este estado de cousas, trez partidos disputam em França, e mesmo na Europa, a regeneração da musica religiosa.

Um queria que só se cantasse nas igrejas o cantoção, mais ou menos bem executado; o outro desejaria que se juntasse ao cantoção, bella musica vocal, sem outro acompanhamento mais que o seu orgão; e o terceiro pensa que seria absurdo privar a musica religiosa dos immensos recursos da arte e da instrumentação moderna. Um vóler d'olhos rapido lançado sobre a historia da musica religiosa nos fornecerá os elementos necessarios para bem apreciar a questão que acabamos de estabelecer.

Quando o christianismo penetrou lentamente no imperio romano, e que tomou em sim a direcção da sociedade antiga, foi obrigado a empregar toda a sorte de attenções para chegar ao sim a que se propunha. Não sómente as idéas moraes que formavam a substancia de sua d'utrina não eram inteiramente novas, pois que elles tinham sido presentidas, e como que preparadas pelos philosophos, e o livre desenvolvimento do espirito humano, assim como o reconheceram S. Justino, S. Clemente, Athenagora, Origene, Senesius, e muitos outros Padres da Igreja; mas os instrumentos d'estas idéas, as formas materiaes que serviam para dramatisal-as aos olhos da multidão, eram igualmente emprestadas das traduções do paganismo. Foi assim que os Christianos, chegados ao poder pela protecção dos Imperadores, apoderaram-se das basilicas romanas onde a justiça do velho mundo dava seus oraculos, e as converteram em templo do novo Deos. O trajo dos sacerdotes, uma multidão de praticas, symbolos e poeticas ceremonias, tales como as *embalsamaduras*, o *incenso*, as *tochas*, as

*oblações, os sacrificios, o baptismo, a comunhão*, etc., não tiveram outra origem. O christianismo, que visava antes de tudo governar os homens, tocando-lhes o coração, absteve-se de romper violentamente com o passado; pelo contrario, elle insinuou-se furtivamente nos costumes e habitos do pequeno povo que formava a sua clientela, e conduziu-o com doçura á regeneração moral, abençoando as suas festas seculares, recolhendo e purificando a poesia antiga.

Foi assim que todas as festas instituidas em honra de Jano foram conservadas; foi assim que a festa da *Circumcisão*, que se celebra a primeiro de Janeiro, foi instituida para substituir a festa de Jano; que a festa da *Purificação* substituiu a dos *Lupercaes*, e que as *Ambarvalias* foram chamadas *Ladainhas*. E mesmo quando a historia nos não viesse confirmar estes factos, nós acharíamos na logica do espirito humano, que procede sempre do conhecido para o desconhecido, e que não cria cousas novas sem ter recebido o germen do passado. O christianismo não procedeu d'outra sorte. Apoderou-se da sociedade antiga apoiando-se nos costumes do paganismo, que elle depois purificou e sanctificou com o correr do tempo. A liturgia christã, toda cheia de pompas agradaveis, de sombras e adoraveis mysteries, desenvolveu-se ao sopro do Evangelho e ao da legenda, variando suas orações e suas ceremonias, segundo o paiz, os séculos e os homens. E' um poema de mil episodios diversos, todos preenchidos por um unico e santo espirito.

Aconteceu á musica o mesmo que á architectoria, e a todas as formas da arte antiga: o christianismo apoderou-se d'aquelle que existia no tempo da sua elevação, e d'ella serviu-se para o sim a que se propusera. O que fez Santo Ambrozio, quando foi proclamado bispo de Milão no meado do IV seculo? Recolheu entre as melodias conhecidas aquellas que pertenciam aos tons menos complicados da musica grega e escreveu por baixo palavras latinas impressas de espirito christão. Esta operação mui simples, que se devia tentar antes de S. Ambrozio e que foi tantas vezes renovada depois teve um pleno sucesso. O povo aprendeu assim a conhecer os principios da fé cantando hymnos piedosos com as arias simples que lhe eram familiares. Estes hymnos e versos rhythimicos que S. Ambrosio tinha pedido emprestado as igrejas orientaes, como o affirma positivamente S. Agostinho (1) foram bem depressa alterados sob a dupla analogia da melodia e das palavras.

O povo, ajudado pela acção dissolvente dos

(1) *Secundum morum orientalum partium*—Confess. lib. VII, cap 7.<sup>o</sup>

barbaros que invadiram o imperio romano, perderam o sentido da prosodia latina, e não soube mais reconhecer, nem os limites nem o caracter respectivo das quatro escallas escolhidas por S. Ambrosio.

As coizas tinham chegado a este ponto, no sim do sexto seculo e já os fieis não se entendiam nem sobre o valor metrico das palavras nem sobre a estenção e caracter dos hymnos que elles entoavam nas igrejas.

Foi para remediar tão grande desordem, que o Papa S. Gregorio fez recolher as melhores melodias gregas, e as que tinham sido compostas depois por illustres personagens taes como Paulino, Licentius, e muitos outros: e que elle fez juntar quatro novas escalas com quatro modos primitivos escolhidos por S. Ambrosio, assim de que a multidão tendo uma maior serie de sons a percorrer, não fosse mais tentada a passar dos limites de cada tonalidade.

A compilação de S. Gregorio, chamada *Centon*, porque era uma reunião de *fragmentos* melodiosos, é mais conhecida sob o nome de *Canto gregoriano*, em honra do glorioso pontífice que tinha concebido essa idéa, e a fez executar.

Mas qual é pois a significação, qual o verdadeiro alcance do trabalho de codificação operado por Santo Ambrozio e por S. Gregorio? Foi uma simplificação de musica grega, cujas numerosas e complicadas tonalidades, muito semelhante aos dialectos engenhosos e delicados que matisavam a lingua geral d'esta nação predestinada, não eram accessíveis ao ouvido já barbano do povo do Occidente. O Christianismo fez da musica o mesmo que das verdades de uma ordem superior: pol-a ao alcance dos pobres de espirito, marchou na vanguarda dos pobres e dos ignorantes, obligeo ao instinto supremo d' povo, que simplifica tudo o que elle toca e queremoça pelo sentimento a sciencia impotente d's doutes e dos patricios.

Tambem Santo Ambrozio, muito perto ainda de civilisação romana, pois que elle vivia no meado do quarto seculo, arranja sobre melodias de origem oriental e familiares ao povo, palavras christãs, versos metrificados e *rhytmos* seguido a prosodia latina: e mais de duzentos annos depois, a lingua de Virgilio, de Horacio e de Cicero não sendo mais que um dialecto barbaro, S. Gregorio se vê obrigado a fazer uma nova colleção de melodias, collocando por baixo d'estes cantos palavras despidas de *rhytmo* e de valor prosodico. Eis aqui por que o *autiphonario* de S. Gregorio é chamado *cantus firmus*, cantochão, isto é melopea solemne, que procede lentamente, não empregando senão palavras e sons de um igual valor. *Musica plana notularum sub una et æquali mensura simplex et uniformis pronun-*

*tiatio, sine incremento et decremento prolationis.*

Esta definição do cantochão ecclesiastico, que é attribuido a S. Bernardo, é exellente.

O cantochão gregoriano se expalhou pela Europa, tão rapidamente como o christianismo. Cada missionario que partia de Roma para ir pregar aos barbaros a nova fé levava consigo um exemplar d'estes canticos sagrados e veneraveis, que elle propagava com a palavra do Evangelho. Submettidos a interpretações tão diversas e transmettidos por signaes confusos e uma *notação* muito imperfeita, o cantochão ecclesiastico não tardou a corromper-se. Desde o sim do setimo seculo já divergiam quanto ao numero de *tons* e caracteres particulares de cada uma das escalas. Uns sustentavam que elle devia ter *oito* tons, outros *nove*, *doze* outros *quatorze* e mesmo *quinze*. Veja-se na obra do abade Guibert, *De cantu et musica sacra*, o numero consideravel de autores, que se pronunciaram de maneira diversa sobre esta importante questão.

Cada paiz, e quasi que cada província interpretava de uma maneira particular o cantochão ecclesiastico, cujas formas indecisas e as tonalidades incertas se prestavam a mil transformações. Chantres ignorantes, de vozes rouca e barbara sobrecregavam essas melodias seculares com suas busas inspirações. Os *tons* eram alterados, as palavras truncadas; *lazzi* de uma vocalisação grosseira se faziam ouvir em todas as notas finas, e a sua horrivel cacaphonia imitava, diz um autor desse tempo, um relincho de cavallo, *hinnitus equinus*. A esta desordem secunda, onde se elaboravam sob a accão da fantazia sem consciencia os elementos da musica moderna, vinham juntar-se ainda a introducção nas igrejas de uma multidão de canções mundanas que o povo para ali levava de fóra como um sopro da vida secular; palavras profanas e muitas vezes obscenas que se misturavam ás da liturgia; de uma sucessão de scenas burlescas, como a *Festa do Asno*, por exemplo, que tinha transformado o cero e a nave na igreja catholica em um verdadeiro theatro de feira. Foi particularmente em França, quasi no meado do XIII seculo, que esta incrivel confusão de cousas as mais santas e as mais profanas attingiu á mais alta expressão, como o nota o abade Baini.

O Papa João XXII, que residia em *Avignon* expedio uma decretal em 1322, na qual elle reprehendeu com amargura e colera estes ultrajes feitos a magestade do culto divino, e na qual elle prohíbe aos chantres o corromper a melopea da Igreja com ornamentos de suas invenções.

Mas nem o anathema do Papa João XXII, nem as queixas successivas dos concilios e de todos os theoricos, desde Guido d'Avezzo até Gla-

rean que constantemente se pronunciaram contra a ignorância dos chantres, poderam sustar a alteração do cantochão ecclesiastico. O espirito humano trabalhava surdamente para a sua emancipação, e as fórmas da musica liturgica não foram mais respeitadas que o dogma e a disciplina da Igreja.

Os heresiarcas triumpharam em todos os pontos: romperam os laços da tutella ecclesiastica; e, depois de uma luta heroica e de trabalhos admiraveis de paciencia e erudicção scolastica, a fantasia humana despedaçou as velhas fórmas da arte jerarchica, da mesma forma que o livre arbitrio se escapou das cathegorias imperativas do dogma catholico, que até então lhes comprimia o arrojo.

Fei no começo do decimo sexto seculo que teve lugar esta bella expansão da vida. O espirito humano, despertado de repente de seu longo entor pecimento, abandonou para sempre os limbos da fé ingenua e tomou a direcção de seu proprio destino. Foi então que as artes plasticas abandonaram os *typos devotos*, transmittidos pelos Beyzantinos e os fazedores de imagens da idade media para se entregarem directamente ao estudo da natureza, da qual poderão exprimir, pelos meios da arte, os matizes diversos e as bellezas divinas; e então creou-se pela primeira vez a verdadeira musica religiosa do culto catholico.

Aquelle que veio *finalmente* romper com a idade media e que aproveitando-se dos trabalhos dos *contra-pontistas* belgas dos quaes elle foi discípulo e que primeiro soube traduzir em bello estylo, a ternura, a serenidade, e o sopro espi. itualista do ch. istianismo, foi Palestrina. Palestrina! Cuja obra admiravel marca uma nova era na historia da musica e que se poderia comparar á de Raphael, se a linguagem dos sons possuisse então tantos recursos, como tinha a pintura para exprimir a viriedade e o contraste das paixões humanas.

Palestrina inspirou-se com o cantochão gregoriano, purificou-lhe as fórmas acompanhando-o de uma harmonia simplesmente consoante, mas clara e profunda. Palestrina, Orlando de Lassus e João Gabrielli, de Venza, são os trez grandes mestres da musica religiosa no decimo sexto seculo.

Nós podemos afirmar que não houve verdadeira musica religiosa antes do decimo sexto seculo, porque é necessário que uma lingua seja formada antes de poder *individualisar* a expressão dos sentimentos diversos que agitam o coração humano. A *propriedade* do estylo, isto é, a arte de dar a cada paixão o accento que lhe é proprio, supõe madureza de espirito e a criação de um instrumento apto para isso. A criança exprime o que experimenta por meio de pala-

vas confusas, por acabar, e falla a sua ama como ella fallaria a Deos, se ella o podesse comprehendere; se pertence ao homem feito invocar o Ser supremo differentemente da maneira de invocar a sua amante: assim é na infancia de todas as artes.

Antes do decimo sexto seculo a musica de todos os povos e de todos os generos se assemelha, ella é *monochrona*.

A canção popular tem o mesmo porte melódioso que o cantochão ecclesiastico.

As mais bellas melodias liturgicas são dos decimo primeiro e decimo segundo seculos, e é muito difícil marcar-lhes uma data precisa e conhecer-lhes os verdadeiros autores. Em geral, confunde-se muito na historia da idade media o autor das palavras com o da melodia, e ha talvez muita leviandade em attribuir a S. Thomaz d'Aquino a composição de alguns cantos liturgicos que nós cremo-lo tão alheio a elles como o foram S. Bernardo, S. Gregorio, e S. Ambrosio.

A historia da musica religiosa pôde se dividir em quatro grandes épocas.

Até o decimo sexto seculo, não se encontram melodias de certo folego, de um assento mais devoto que religioso, fórmas simples de instincto que penosamente procura a sua carreira; e depois os trabalhos aridos, mais indispensaveis dos *contrapontistas*, os grammaticos, os dialeticos da lingua musical. No decimo sexto seculo, expande-se a verdadeira musica religiosa, creada por Palestrina.

Ella se modifica depois no decimo setimo seculo pela elevação da *dissonancia natural*, que é para a linguagem musical o que as cores do prisma são para a pintura; e depois ella vai-se enriquecendo sucessivamente com todas as conquistas da arte, e torna-se, nas mãos dos Cästimi, dos Scarlatti, dos Pergolesé, dos Jomelli, dos Marcello, dos Händell, e dos Mozart, a manifestação a mais admiravel do espirito divino illuminando o coração do homem. L.

## PARTE RELIGIOSA.

### DOMINGA DA RESURREIÇÃO.

*Yesum quæritis Nasarenum, crucifixum, surrexit, non est hic.*

*Buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado, ressuscitou, não está aqui.*

S. MARC. CAP. 16, 6.

Que novo hospede é este que, a portas fechadas, nos entra em casa; e despido da humildade de forasteiro, impõe-nos, com sua mera presença, o quer que seja de soberano e irresistivel respeito, até

fazer-nos tremer, e como que pasmar em face de seu aspecto sublime, que conservando todos os traços da mais nobre fama humana, ostenta simultaneamente *um não sei que* de Magestade Divina, sobre que não ousamos fixar se quer a vista de nossos olhos mortaes!...

Suas palavras de paz ao entrar no recinto de nosso aposento, pronunciadas com uma acentuação grave de Mestre, inspiram-nos uma confiança que só nos poderia vir do Deos de nossos pais!

Mas suas expressões de Senhor exprobrando-nos nossa criminosa incredulidade e dureza de coração, *et exprobravit incredulitatem eorum et duritiam cordis*... — humilha-nos quaeis indignos escravos perante a prepotencia de um Senhor, indignamente offendido, e justamente irado!!!...

O desejo de pedir o necessário perdão cede ao receio de não merecel-o mais; e a lingua de todo emmudece, em quanto que o coração a sós comigo falla!!!. . . . .

Eis os mais ligeiros e descoloridos traços das profundas e agglomeradas impressões que, á inesperada apparição de Jesus Nazareno, sentiram os discípulos, que reservados em casa, consumidos de receio, e inertes de medo, conferenciavam sobre os successos ainda recentes, sem ousarem dar credito á noticia da resurreição de seu Divino Mestre! nova que nem ousavam crer porque lhes devia importar um prazer, que excederia sua capacidade de sentir! prazer que nenhum humano se julgaria habilitado a fruir...

Agora porém que lhes é vedado duvidar perante os assombros da Magestade Divina, exclamam unisonos na linguagem muda, porém expressiva, de seus corações enterneidos por um receio misturado de prazer: — Oh! sois vós, Divino Mestre e Senhor Noso!!!. . .

Ah! perdão, perdão para tão condignos discípulos, que incapazes de serem escravos, apenas sabem ser incredulos e ingratos!...

Perdão sim, Omnipotente Deos, perdão para entes tão fracos, que em sua razão tão precaria, quanto pretenciosa, não podem comportar o resultado de taes problemas divinos!

Sim, meu Deos e Senhor meu, um pobre mortal pôde ser dotado de toda a fé que vos aprouver inspirar-lhe, mas deixado a seus próprios recursos, como ficaram vossos discípulos no tempo de vossa Sagrada Paixão, não excederá em coragem e fidelidade a Pedro, e menos comprehenderá, como um corpo de humanas fórmas, não só de todo inanimado, mas até delacerado, e encerrado sob a pesada

lousa de um marmoreo sepulchro, possa ainda reservar força para resolver-se n'aquelle apertado claustro, e zombando das leis e poder da morte inexoravel, abrir sem esforço a porta d'essa lugubre morada, levantar-se, e só com o resplendor de sua magestade prostrar as sentinelas do carcere, e desapparecer glorioso da face dos mortaes em demanda do ultimo de céos.

Taes phenomenos, se nos fossem contados só pelos homens, não encontrariam em nós uma crença facil.

Se vossas fieis e dedicadas servas, que corriam presurosas, munidas de preciosos unguentos em demanda de vosso Sagrado Corpo, creram d'esde logo, é porque o ouviram pessoalmente da propria boca de vosso celeste mensageiro e presenciam ainda a conclusão do problema para que não bastaram raciocinios humanos.

Pia e crente, a Magdalena veio emsím annunciar-nos este prodigo, *illa vadens nunciavil his.*

Faltava-lhe porém a autoridade necessaria a um mensageiro de tão sublime embaixada; era-nos preciso que vossa presença real nos confirmasse vossa promessa infallivel; tal era nossa fraqueza e a nossa ingratidão!!!...

Conscios de nossa incapacidade não nos era dado comprehendere em seu alcance, como a Bondade Divina se abalançasse a taes extremos pelo resgate das mais ingratas de todas as criaturas de sua prodigiosa criação! . . . . .

Mas depois de illuminado por Vós, quem d'entre os miseros mortaes ousaria duvidar de vosso triunfo e de nossa redempção?!. . . . .

Tal é o mysterio sagrado que a Santa Igreja nos commemora annualmente no dia de hoje: tal é a pompa maravilhosa de que se reveste o sublime culto d'esta solemnidade por excellencia, que o dia pascal parece amanhecer mais bello, mais creador e mais grato ás criaturas!.

Ostenta-se logo aos primeiros raios da luz, que o illumina, com certo apparato de sublime, inocente, e alegre, que nos sentimos enthusiasmados por um prazer novo, que só de leve pôde ser figurado pelo do misero encarcerado quando posto em liberdade e restituído ás caricias e afagos de uma familia idolatrada e que supunha para sempre perdidos!

Ou á liberdade honrosa alcançada á força de merecimentos e prodigios de valor pelo prisioneiro de guerra de uma santa cruzada e que durante longos annos supportou as pesadas peias, incerto da hora em que lhe seria dado quebrar para sempre os gribhões de seu intoleravel supplicio! . . . . .

E' porque as algemas da unica escravidão legitima,

a que os homens foram por culpa propria com justiça condemnados, foram quebrados e inutilisados de hoje para sempre! e as humanas creaturas, apezar de sua imperdoavel ingratidão, não podem deixar de saudar, com um entusiasmo sempre crescente, a commemoração de sua verdadeira liberdade.

E' este pois o dia glorioso da independencia da humanidade inteira, do qual são apenas uma méra imagem os dias da independencia nacional de cada povo do Orbe, e que d'ali tiram sua fórmula, seu brilho, seu entusiasmo, seu patriotismo, e sua gloria.

E' n'este dia que todos os povos christãos, constituinto uma nação unica e homogenea, festejam alegres a redempção do genero humano devida ao triumpho da cruz pela resurreição gloriosa de Jesus Nazareno, recebido pelo Pai Eterno no throno da Immortalidade. *Ego dormivi, et separatus sum: et exurrexi quia Dominus suscepit me.*

Mas emfim, caros leitores, apezar de minha promessa, nada vos sei dizer capaz de fazer sobresahir a magestade d'este dia que a Santa Igreja escolheu para sua maior solemnidade, ou, como melhor considera S. Gregorio Nasiaseno, para solemnizar o triumpho da festa das festas, e a que com razão se sucedem todos os domingos do anno, como se fora um octavario consecutivo e interminavel d'esta festividade por excellencia; na devoção porém de nossas proprias meditações deparareis poeticas e sublimes descripções, difíceis de expressar, mas facéis de sentir, com que satisfazer a justa curiosidade de vossas almas, e a natural piedade de vossos corações; a que agora solicito indulgência para prestar um tributo merecido da mais grata e saudosa recordação á epocha mais feliz de minha obscura vida, quando nos inocentes dias da infancia esperava impaciente com meus companheiros de brinquedo o alvorecer do Domingo de Pascoa na minha pequena aldeia (ah! se bem soubesseis o que é semelhante dia em taes lugares!) para corrermos presurosos e contentes pelos largos campos a colher simples e mimosas florinhas para ornar a casa e a mesa, que deveria servir á visita do Senhor!..

Ha ali como em muitos outros lugares um costume que bem traduz a piedade de sua instituição.

No Domingo de Pascoa sahe o Parocho da freguezia de cruz alçada acompanhado por mais sacerdotes, e por alguns de seus devotos freguezes a percorrer todas as casas de seus parochianos. Estes o esperam como pela visita do Senhor. E' bem curioso observar a limpeza de todas as casas n'aquelle dia, com as por-

tas ornadas de ramalhetes de lirio: com uma mesa coberta da tealha mais decente que aquella familia possue, o que se prepara com tão boa vontade para servir n'esta ceremonia, é ornada de flores naturaes, e d'aquellas que a terra produz sem cultura, como que para ornato das festas da Divindade! No centro da mesa um prato com uma maçã, ou outra fructa, sobre que se coloca uma moeda qualquer, ou uma cousa de mais ou menos valor que sirva de obolo a offerecer ao Pastor em consideração áquella solemne e religiosa visita.

Não é menos para admirar o contentamento que se nota em todos os rostos, e como se perguntam mutuamente, se já recebeu o hospede sagrado. Ora sobem ás elevações a ver se descobrem ao longe o *visitador*; ora se debruçam nas janellas a ver se sentem passar em alguma travessa; ora escutam attentas o som dos sinos e o toque da campa, que annuncia de espaço em espaço a sua romaria, deixando-os perceber a esperança e a ambição da visita dosromeiros pascaes. Até que emfim é chegada a hora solemne. E que respeito não infunde n'aquelle dia a entrada do Pastor na casa de seu parochiano?; que acompanhado de sua extremosa esposa, rodeado de seus innocentes filhinhos, e seguido de seus fieis servos, recebe com uma aspersão de agoa benta a paz offerecida pelo Parocho ao entrar da casa—*par huic domui et omnibus habitantibus in ea;* e logo se segue a ceremonia de beijar o crucifício, que, para nós meninos, que mais nos asadigamos com a preparação d'aquelle festa, não é um mero crucifixo, ou um symbolo da redempção, é o nosso Jesus em corpo e alma, que nos olha com piedade de Deos, e nos abençoa com amor de Pai! . . . . .

Quem será capaz do comprehendender ou se quer imaginar com que prazer e veneração recebemos as ordens de nossos bons e religiosos pais, que ao amanhecer do dia nos dizem alegres—ide, ide, caros filhos, percorrei os verdes campos em demanda de flores para asseiar a mesa do *folar* que devemos offerecer a Nosso Senhor!.... e com que contentamento lançamos a vista pelo espaço que asadigados percorremos, e colhemos uma ou outra florsinha, que nos parece mais perfeita! a ingenuidade com que nós dizemos reciprocamente, ah! que linda flor eu achei agora: olha é mais bella que quantas tens no cestinho; e como Nosso Senhor hade gostar de a ver junta á maçã do folar!... E com effeito asfiguram-se nos realmente em nossa innocencia que a imagem do crucificado dá mais attenção a um certo lirio ou flor campestre, que collocamos de proposito em um

lugar mais visto, porque é nossa flor predilecta, o nosso obolo especial; e cremos piamente que a cruz volteia em diversas direcções sua face á medida que mais approva nossa dedicação, arranjo e trabalho.

Se não fôra a profunda commoção que me causa as recordações saudosas d'este dia excepcional; (tal era para mim o dia de Pascoa...) eu não terminaria ainda esta minha simples narração de costumes que se vão perdendo de envolta com os affectos religiosos, e exercícios de todas as virtudes! . . . .

O Conego PAIVA.

## PARTE HISTORICA.

### ORIGEM DO MUSEU.

#### I.

Em tempos de D. Luiz de Vasconcellos começoou-se a colher no Rio de Janeiro objectos de Historia Natural para serem remetidos para a casa do Historia Natural da Cidade de Lisboa. O lugar em que esses objectos se guardavam era uma casa situada á margem de um lago denominado do—*Panella*—em cujo centro, talvez hoje esteja situada a Igreja do Sacramento; era d'essa casa que ocuparia pouco mais, ou menos o centro do actual edificio do Tesouro que os caçadores da casa da Historia Natural matarão as aves aquáticas: tal era o estado do Museu do Rio de Janeiro ainda em 1806.

Foi o primeiro inspector d'esse estabelecimento Francisco Xavier Cardoso Caldeira, natural de Santa Catharina.

Em 1810 tendo morrido esse primeiro inspector, foi nomeado para substituir-o o Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas.

Para estabelecer-se uma officina de lapidação, a casa que servia de arrecadação d'esses preciosos objectos, principalmente zoologicos foi finalmente ocupada, e sob a guarda de dous ajudantes, com proibição de exporem esses objectos: arruinaram-se elles de tal sorte que quando foram entregues ao general Napião estavam quasi absolutamente destruidos.

Foi sob o influxo d'esse general Napião, tão versado em sciencias naturaes, que no Arsenal de Guerra foram creados os gabinetes Mineralogico, e Phisico, para estudo dos alumnos da Academia Militar.

Essa colleção mineralogica veio da Alemanha, do gabinete do celebre Wezner. O director d'esses gabinetes, foi Fr. José da Costa Azevedo. Em 1816 passaram todos esses objectos do Arsenal de Guerra, para o edificio da Academia Militar.

Por decreto de 6 de Junho de 1818, inspirado por certo, pelo ministro Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, foi estabelecido o Museu Nacional, comprando-se a João Rodrigues Pereira de Miranda, depois barão de Ubá, a casa onde actualmente se acha esse estabelecimento.

Em 1819 foi recolhida ao Museu a colleção que se achava na Academia Militar.

Em 1820 foi João de Deos de Mattos, encarregado de viajar a província do Rio de Janeiro para obter colleções, ou productos zoologicos.

Em 1823 por falecimento de Fr. José da Costa Azevedo, foi nomeado director d'esse estabelecimento o Dr. João da Silveira Caldeira, cessando d'esse então a inspecção que ali exercia o sabio José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cayrú.

Em 1824 creou-se um laboratorio chimico; e ordenou o ministro Estevão Ribeiro de Rezende, hoje Marquez de Valença, que das Províncias fossem para ali remetidos os productos dos tres reinos da natureza e producção dos Indios.

Alguns naturalistas estrangeiros enriqueceram o nosso Museo, notando-se entre elles o Barão de Langsdorff, Frederico Sellow, Zani, e o Príncipe de Newied.

Em 1828 passou a ser director do Museu o Dr. Fr. Custodio Alves Serrão, por ter sollicitado e obtido demissão o Dr. João da Silveira Caldeira. Fortuna foi ter então o Governo o Dr. Serrão para substituir a notabilidade que se demitti.

Cumpre dizer que o Dr. Silveira Caldeira foi um dos Brasileiros sabios que tem honrado o seu paiz: veja-se a chimica de Thenard, e ahi se encontrarão descobertas d'esse illustre naturalista. Só o Dr. Fr. Custodio poderia substituir o Dr. Silveira Caldeira.

Por espaço de 19 annos occupou-se este illustre naturalista nos meios de melhorar e engrandecer o Museu. N'esse espaço teve continuamente por parte do Governo de trabalhar em analyses chimicas, ensaios metallurgicos, projectos agrícolas, industriaes, mineração, extração de matérias de tinturaria, oleos, etc. etc.

## PARTE NOTICIOSA.

### CANDIDATURA Á PROVINCIAL.

Entre os muitos pretendentes e recommendedos á assembléa provincial do Rio de Janeiro, é bem assim o Snr. Dr. Antonio Fortunato de Brito, que incidentemente já tivemos occasião de recommendar, quando apresentamos os nossos trez candidatos.

Folgariamos que moços de reconhecido talento, de já não vulgar illustração, e de um futuro esperançoso como os Snrs. Drs. A. Fortunato do Brito, Filgueiras e Wernek obtivessem um triumpho no pleito eleitoral, e que n'uma distincta posição official fossem consagrados aos interesses maximos da patria a seiva dos seus talentos, a experiência de seus estudos, e a sua dedicação de cidadãos devotados. Oxalá que assim succeda.

O Snr. Dr. Antonio Fortunato de Brito é dotado de um talento cultidado com disvelo e incessante tenacidade: a sua devotação aos interesses publicos está consignada nos seus escriptos jornalisticos; o seu talento oratorio é reconhecido e já experimentado com feliz successo e unanime aplauso; e a sua posição social é conceituada e distinta.

Com tão nobres e tão excellentes qualidades, a aquisição do Snr. Fortunato de Brito para o gremio da assembléa provincial é uma garantia á missão da proxima legislatura.

Fazemos votos para que o corpo provincial comprehenda a importancia d'esta candidatura, e que lhe destine uma cadeira, que de certo hade ser honrada pelo Snr. Dr. Antonio Fortunato de Brito.

### CASSINO DRAMATICO.

Esta associação, locataria do theatro de São Januário, acaba de fundar um Instituto e Conservatorio da arte dramatica com um jury e trez aulas, sendo uma de recta pronuncia e declamação, outra de musica vocal, e uma terceira de dança, mimica, gymnastica e jogo de armas, tudo applicado á arte de representar.

Foram adoptadas provisoriamente as disposições legislativas dos estatutos do Conservatorio real de Lisboa, e do Conservatorio Dramatico Brasileiro, e encarregado da respectiva execução, o Snr. F. M. Raposo d'Almeida, presidente do Cassino Dramatico.

No proximo n.º d'esta folha daremos alguns pormenores d'este facto, tão importante á arte dramatica, e que se a indifferença calculada, ou as contrariedades pequeninas o não crestarem ao principio, como costuma succeder, pôde realmente constituir em breve uma nova época ao theatro nacional.

### VARIEDADES.

#### Cidades abandonadas.

A *Gazeta d'Angsbourg* recebeu de um correspondente de Londres as seguintes informações sobre o descobrimento de uma antiga cidade india na America central.

« O abade Brasseur-Bourbourg, conhecido por suas investigações archicologicas, para melhor poder proseguir em scus trabalhos, obteve na America central, um curato em Rabinal, província de Vera-Paz (Guatemala), tendo já alcançado fazer interessantes descobertas sobre antiguidades indias. Rabinal está situada a 70 milhas inglezas (25 leguas), ao norte da capital de Guatemala, onde do alto de uma montanha vizinha, o abade Brasseur percebeu, em uma eminencia despida de toda a vegetação, vestígios de duas cidades indias, dominando toda a planicie, alcançada por sua vista. Os indigenas de uma d'estas ruinas, assentada de Rabinal trez milhas inglezas ao norte (pouco mais ou menos uma legua), a chamam *Cakiu*; e á outra, distante seis milhas inglezas da igreja de Rabinal, na direcção do norte, *Tsak-Pokomá*, isto é, cidade dos Pokomans.

As duas cidades estão edificadas sobre duas asperas eminencias, ligadas á cadeia de montanhas cobertas de florestas de pinheiros, e chamada pelos naturaes do paiz *Sierra de Tikiram*, separando as duas Vera-Paz, isto é, a alta, e a baixa. A cidade arruinada dos *Pokomans*, está a 1000 pés acima do nível do mar, sendo os terrenos propriedade d'uma

aldeia ecclesiastica (*Cofraderia*), commun entre os indios. O abade Brasseur, acompanhado de grande numero de camponezes de sua aldeia, visitou as ruinas em 21 de maio de 1855, notanto ser o terreno das ruinas esteril, e a vegetação mesquinha: grande numero de edifícios está em tal estado de decadencia, que apenas se reconhecem os alicerces, mas encontram-se outros ainda bem conservados, e entre estes o abade Brasseur viu uma especie de palacio, com 190 pés de comprimento, cujos muros se elevam sobre um terraço de seis pés, pouco mais ou menos, para onde se sobe por uma escada. Uma especie de altar, de forma pyramidal, destinado a sacrificios, da altura pouco mais ou menos de 15 pés, com uma escada de cada lado, com quatro degráos, dois dos quaes mais largos do que os outros, acha-se no frontespicio d'este edifício; em roda da pyramide observa-se ainda os restos de um muro, que cercava o altar. Finalmente este edifício acha-se ainda em soffrivel estado de conservação; as paredes são construidas de tijollo e argamassa.

Durante sua excursão, o abade Brasseur, viu ainda outras construções, semelhantes entre si, e ás da outra cidade arruinada, de que já fallámos. Julgando pela extensão das ruinas, pensa o abade Brasseur que a cidade dos *Pokomans*, podia conter 80:000 habitantes, sendo notável a nenhuma apparença de vasos, estatuas, ou esculturas.

As ruinas das duas cidades não apresentam nenhum vestigio do antigo explendor e civilisação, que se notam nas antigas cidades indias de Copon, Guirigua, Palenque, e Uxmal.

O sabio archeologo Bourbourg, recolheu algumas grammaticas e manuscritos indios, e suppõe ser ainda povoada a cidade dos *Pokomans*, quando no seculo onze as tribus de Guiche invadiram Vera-Paz, e conquistaram Guatemala.

#### Uma lythographia.

Ha poucos dias recebemos uma primorosa lythographia, representando o panorama da chacara do Senado, na occasião da ultima assenção do balão aerostatico.

Sem o mais leve cumprimento, é um dos primores da lythographia no Brazil. A graduação das tintas está disposta e combinada com muita felicidade: a disposição optica dos edifícios, a copia fiel dos grupos, e especialmente a propria verdade botanica, por assim dizer, do rasteiro capim, tudo se acha primorosamente trasladado.

Em nosso entender, pelo que temos visto da nossa lythographia, é este o primeiro especimen de perfeição lythographica entre nós, digno de concorrer a qualquer exposição de bellas-artes na Europa artística.

O daguerreotypy é dos Snrs. Byrany e Kornis, o lapis do caprichoso Snr. Therier, a lythographia do incansavel Snr. Francisco de Paula Brito. A todos consagramos as devidas felicitações.